

500

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

1961  
25/15

Tolva  
Sem fumo

Comedia em 1 acto

Original de

Manuel Godinho da Cruz

Lisboa. 1910. (Antes da Revolução).

# Personagens

Narciso, patrão (33 annos)  
Julietta, patroa (26 " )  
Zefa, criada (24 " )  
O. 69 da 4.<sup>a</sup>, guarda municipal (27 annos)  
Leonardo, guarda-portas (50 " )  
Montalvão, tenente de cavallaria (35 " )

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

# Acto unico

Uma sala sem grande luz. Em frente, duas portas. Do lado esquerdo, uma porta e uma janella. Do lado direito, idem. Do tecto, pende um candieiro de suspensão.

Reposteiros e 'bambinellas' nas portas e janellas. Cadeiras, 'fantombas' e uma 'chaise longue'. Ao centro, uma jardineira, ou pequena mesa, tendo em cima: tinteiro, pernas e papel. No parapeito d'uma das janellas, vê-se um vaso de mangriscos.

## Scena I

Personagens: O 69 da 4.<sup>a</sup>, soldado de cavallaria municipal; e Zefa, criada da casa

(Sala eis escuras. Entram atabalhoadamente pela esquerda, o 69 e Zefa. Esta, de blusa desabotoada, com os seios a' mostra, traz n'uma das mãos uma palmatoria com vela accesa e na outra uma bota do municipal. Aquelle, de capacete de pumacho na cabeça e espada de roço, em palmilhas e a farda desabotoada, procura acabar de vestir as calças, pois tem apenas uma perna enfiada).

Zefa (afflicta). — Depressa, 69... Foge...

Esconde-te... Desapparece... Elles ahí vêm...  
(Empurra-o para todos os lados, procurando  
compôr-se; colloca a vela sobre a jardineira,  
larga a bota, tornando a apanhá-la e  
querendo ao mesmo tempo ajudal-o a  
enfiar a perna).

O 69 (atarantado) - Ai, Xepa! que grande  
"enrascas"!... Estou com a "gallinha"... (Tira  
a bota das mãos de Xepa, torna a largá-la  
e continúa fazendo diligencia para enfiar  
a outra perna, vindo por fim).

Xepa (ajudando-o a levantar-se) - Quem tal  
havia de dizer!... O patrão diz que ia para  
o Porto!... Mas... depressa, 69... Avia-te... Não  
pareces um "municipal"!

(Soam pancadas na porta da direita)

Uma voz, S'homem (em bastidores) - Abres ou  
não abres?... O raio da criada, está surda!..

Xepa (largando o 69, correndo para a direita,  
recuando de novo e empurrando-o em direcção  
à primeira porta do centro) - Mette-te ahí...  
depressa... (Alto.) Sa' von, patrão...

O 69 (levantando o reposteiro e abrindo a  
porta) - Mette-te... Mette-te... O que eu agora  
queria era sair... não era isso...

(Soam de novo pancadas na porta da  
direita, agora mais fortes).



A mesma voz (ouvida em bastidores): - Alma do Diabo! Não aparece!

Nepa (alto) - Prompto! Lá vou! Lá vou!  
(Agora com a toalha para o quarto onde acaba de encapuzar-se o 69).

069 (em bastidores) - E agora?...

Nepa (muito atrapalhada): - Esconde-te de baixo da cama... (Vai abrir a porta onde o patrão está batendo).

# Scene II

Personagens: Nepa, Narciso e depois Julieta

(Entra Narciso. Modos sacudidos. Sr. de quem está rangado. Sobretudo, chapéu alto, luvas calçadas, badine e uma mala de viagem).

Narciso (para a criada): - Que demora foi esta?... (Reparando no seu desalinho de "toilette") Mas... o que estavas tu a fazer?!

Nepa (tapando os seios com as mãos, trêmula, hesitante) - Desculpe-me, patrão... Eu estava... estava...

Narciso (agarrando-lhe um dos pulsos) - Dize... Explica-te... Cheiras a macho...

Mefa (alcebrinhada): - A macho?!... (Aparte.)  
Burro, se faz faro... Burro...

(Entra Julieta, também pela direita Vestido da moda, capa de peles, chapéu d' "Chantrelers")

Julieta (conciliadora, para Narciso): - Deixa lá a rapariga... Estava por certo a dormir... Não é verdade, Josephina?

Mefa (desempunhando-se do patráo): - Pois é, minha Senhora... É isso mesmo... Ora ahí está!

Julieta (para Narciso): - "És?... Estás sempre com maus pensamentos!"

Narciso (enfadado): - Bem... bem... Aca... b... (Para a criada:) Acende o candeeiro...

(Mefa cumpre as ordens do patráo e sai pela esquerda, deixando othares receosos para a primeira ponta do centro.)

Julieta senta-se na "chaise-longue". Tira a capa e o chapéu.

Narciso põe o chapéu sobre a maleta e a badine sobre a jardineira, tira as luvas e começa a passear pelo aposento.)

Julieta (nervosa): - Oh! semelhante vida é impossível!... Não fazes senão contrariar-me... Tens a compiar-te a' estaca, e, depois de teres comprado bilhete para o Porto, recusar-te a partir, a pretexto não sei de quê!!!

Narciso (despiando o sobretudo). — Eu cá me entendo porque não fui... A senhora é a causa desta desunião...

Julieta (trocista). — Sim? Não sabia...

Narciso. — Pois é assim mesmo... Lente e satisfeita com a sua obra?

Julieta. — Qual obra?

Narciso (irascivel). — É uma mulher insupportavel! Basta! Basta!...

Mãe (aparte, entrando pela esquerda). — Estou perdida... Esqueceu-me a outra bota na cozinha... (Alto) A senhora toma aqui o chá?

Julieta. — Pois sim... (Dando-lhe o chá pela e a capa) Põe alli no meu quarto.

Mãe (dirigindo-se para a primeira porta do centro). — Sim, minha senhora. (Aparte) Ai! como ha de ser isto?

Julieta (para Narciso, o qual continua a passear pelo aposento). — Não te opprimas, rico filho! Eu sei que me esperam os maus tratos...

Narciso (concordando). — A senhora tem os merec... (Gestual) É impossivel... É impossivel...



(Narciso e Julieta estão de frente para a plateia. Nefbi, ao sair, faz sinais equívocos para o interior do primeiro quarto do centro, pondo o fura-bolos direito sobre o nariz, ao mesmo tempo que diz, baixinho: "Sim... sim..." Depois, sai pela esquerda).

Julieta (recostando-se na "chaise-longue" e abanando-se com o leque): - Uff! que calor! (Para Narciso) Eu conheço-te a mara vilha... Dentro d'um minuto, serei uma mulher de má conduta; no prazo de dois minutos, chamar-me-hão os nomes mais desagradáveis e insultuosos; e daqui a cinco minutos começará por quebrar qualquer objecto... (Levantta-se e vai buscar o vaso de mangérico, depondo-o aos pés de Narciso) Oh! mas, ao menor pisco-te que me respeitas este vaso, o qual, como sabes, estimo muito, por ser offerta da mamã...

Narciso (asturando um furioso pontapé ao vaso): - Eu... respeitar um objecto dado por essa panthéra que não soube educala!... Tinha graça, com franqueza!...

Julieta (indignada): - Oh! que barbaridade! Começas entãõ hoje pelo fim? (Ironica) Não faz mal! A variedade sempre delicia!...

Narciso (bufando como um touro): - Basta! Basta! Não me exaspere mais! Ainda acha pouco o seu procedimento leriano?!...

Julietta: - Leviano?!... (Rindo) Ah! chega  
ra-me-te os zelos? Forte tolo!...

Narciso (com os dentes cerrados): - Forte tolo?!

Julietta: - Sim... sim... Tu não passas  
de um idiota!

Narciso (cruzando os braços): - Isto vale  
bommo, não ha duvida... A senhora condiga...

Julietta (cutalhando): - Como uma mulher  
honesta.

Narciso (dando uma gargalhada): - Não esta  
mal a honestidade!... (Ameaçador) A se-  
nhora infamou-se...

Julietta (trocista): - Sim?! Muito me contas...

Narciso (passando d'um para outro lado):  
- Perden os sentimentos, o brio, a dignidade...

Julietta (sempre trocista): - Pungente histo-  
ria! Quem tal diria!...

Narciso (continuando a passear): - Enxa-  
valhou o meu nome honrado...

Julietta: - Sim?... Ora vejam!...

Narciso (batendo com os pés no soalho):  
- E de mais a mais com um militar!...  
(Pequena pausa) Von pelintra da tropa!  
Um valdivinos!... (Fecha os punhos e dirige-se

12/  
a Julieta) Isto é bonito? é decente?... Res-  
ponda, minha senhora!

Julieta (aparte): - Chegamos a altura de  
reflexão... (Alto) Deverias até sentir um  
certo orgulho ao vêr que a tua esposa  
é cortejada...

Narciso (esgazando o olhar): - Saiba o que  
diz, senhora?

Julieta (com desembarago): - Perfeitamente.  
Mas só tu és o culpado.

Narciso (dando largas passadas): - Esta per-  
dida... esta perdida... (Energico) Intimosa,  
senhora, a que fale! (Pausa) Uma mu-  
lher na sua posição!... (Triste) Se  
elle me apparece, rebento-o!

Julieta (curiosa): - Elle, quem?

Narciso (apoplectico): - Esse patife do  
Montalvão... esse libertino... esse estúpido...  
esse vilão... esse canalha da mais in-  
fima especie...

Julieta (aparte): - Aproveitemos o ensejo  
para fazer a experiencia... (Alto) Orga-  
niza-te... O tenente de cavallaria Montalvão  
é um perfeito cavalheiro, homem da socie-  
dade, caracter respeitabilissimo...

Narciso (furioso): - Menté!

Julietta (Diabolica). - E se eu mentisse, não fosse verdade elle fazer-me a corte, quem a grande desgraça... Luereis, talvez, bater-te em duello?...

(Faz-a sem, de quando em vez, vir' p' porta da esquerda, e Falli lanca olhares presenciosos e afflictivos para a primeira porta do centro).

Narciso (attonitoado). - Bater-me em duello... eu? eu?

Julietta. - E o dever d'um homem de labor da sua honra. (Pausa). E de mais já o disse e repito-o tu és que tens a culpa de tudo... Esqueceste-te de que na espreja da Graça, onde tens a mania de levar-me todas as sextas-feiras, é que elle te foi apresentado pelo Gualdino?... Esqueceste-te de que, alli mesmo, diante do Senhor dos Paços, elle comecou logo a assediar-me com um corrojo minha vista, fitando-me através d' monoculo e dirigindo-me galanteios?... Esqueceste-te de que, em vez de repontares forte e feio, parecias animal-o ao ataque, rodando-o de atterções e salamaleques sem fim?... Esqueceste-te tambem de que anda sempre a convidal-o para jantar, passeios, theatros, etc, etc, parecendo que te comprages em o ver junto de mim?...

Narciso. - Eu?



Julietta - Eis ahí a tua bravura! Suffoca!

Narciso - Eu?

Julietta - Serás capaz de o negar?!

Narciso - Eu?

Julietta (animando-se) - Mais ainda! Esqueceste de que, na tarde em que assistámos ao "L'auspère", no Loreto, elle começou a dar-me apalpações com toda a força, chegando a metter-me as mãos atrás, por debaixo do casaco? (afforimento de estupefacção de Narciso). E tu, como é que respondeste ao atrevimento, quando eu te prevenia do que se passava?... Deixaste correr o marfim, dizendo-me simplesmente: "Deixa lá, minha... Disfarça... Disfarça..."

Narciso (sornante) - Que audacia! Como ella tem habilidade para engendrar o romance! (Alto.) Eu não sei onde a se, agora quer chegar com essas historias do Senhor dos Polcos e do apalpações no Loreto... Se se refere, porém, ao nome trerente das duzias, dir-me hei que não dei nenhuma pels que me conta... Além disso, eu não desprizo em circumstancia nenhuma, as conveniências sociais... Causa-me horror um escandalo em publico... Tudo isso é contra a minha dignidade de cavalheiro...

Julieta (escarminha). - Histórias! Não passas mas é de um grande... medroso!

Narciso (desesperado). - É a senhora é uma deida! (Julieta ri). Ri? Nem ao menos comprehende a gravidade das consequencias funestas...

Julieta (sempre trocista). - Sim... essas consequencias é que te fazem tremer... (Ri as gargalhadas). Um duello! Que horror!... O que te falta é sangue nas veias...

Narciso (furo). - É de mim que fala?

Julieta. - Não... é alli do vizinho...

Narciso (cruzando os braços). - Quer então dizer que o senhor tenente é um valetão? Eu não sou nada disso (antes pelo contrario), mas em seis mezes tenho posto 190 Criadas pela porta dora! E chama a senhora a isto não ter sangue nas veias?! (Empphatico.) É, de mais, é bem simples... (Dirige-se a' esquerda). Onde está a cinta? (Levanta de pinto daquelle). Eu não queria dar seguimento a este negocio mas, ja' que assim o quer...

Julieta. - Certamente...

Narciso (com a mesma emphase). - Reservo-me para dizer a esse senhor o dia do encontro... Vou fazer mis rês, a si e ao seu imbecil apaixonado, se tenho ou não tenho

sangue nas veias e se sou homem que  
recebe perante um duello. (Escrevendo)

Julietta (surpresa). - Oh! como tudo isto  
é interessante! (Alto.) Mas, para onde  
é que lhe mandas a carta?...

Narciso (escrevendo). - Oh! quanto a isso,  
não se affliga! Mando-lha para o regimento,  
ou para o Turf-Club... (Tobresumptiva.) E dirão  
ainda que não tenho sangue nas veias!  
Não tenho sangue nas veias, eu?... Não tenho  
sangue nas veias?... Ah! Ah! Ah! E então  
sangue que é preciso?... Pois bem, minha  
amiga! vou ver o que nunca lhe passou  
pela ideia!... (Arrogante.) Eis aqui um  
pequeniño bilhete com o qual eu não  
estou mesmo nada descontente e que  
vai mostrar-lhes quanto valho. (Repara  
quando em Julietta, que está a não se dar  
com a mão estendida.) De que está a  
senhora a espera?

Julietta (com naturalidade). - Da carta, para  
a mandar metter na caixa...

Narciso (depois de fechar o envelope). - Gilha...  
(Vae para entregar-lha, mas ao mesmo tempo  
retira-a com modo brusco e mette-a dentro da  
algibeira do casaco.) Nessa não caio... Eu  
proprio a vou deitar no correio, para ter  
a certeza de que lhe é entregue... Hei de mos-  
trar-lhes que me corre sangue nas veias...

Julietta (rindo). - Ah! Ah! Ah! Quando

Camões fizer outros "Luziadas"...

Narciso (estupefacto): - Quando Camões  
fizer outros "Luziadas"?

Julietta: - Ou então no dia em que o  
João Franco voltar ao poder...

Narciso (mordaz): - Como está espiri-  
tuosa! (Colérico) Ah! mas as coisas  
vão mudar...

Julietta: - Sériamente?

Narciso (aparte): - Mudemos de tática,  
por causa das moscas. (Alto) As suas  
insinuações ferem-me em cheio... Quero  
mostrar-lhe que não sou um covarde,  
como parece julgar... Ora, acabo de tomar  
outra resolução. Em vez da carta, o  
biltre que lhe arrasta a lãza receberá...

Julietta (irónica): - O quê?

(Narciso continua, de quando em vez, a  
vir espreitar, olhando repetidas vezes para  
a primeira porta do centro, mas sem  
entrar)

Narciso (cathégorico): - O meu pé... em  
pessoa!

Julietta (rindo): - Pff!

Narciso (vestindo o sobretudo e pondo o



18/  
chapéu) - Quer que o faça já?

Julietta (friamente) - Desafio-te...

Narciso (agarrando na badina) - É capaz de repetir a phrase?

Julietta (com calor) - Desafio-te...

Narciso (encaminhandose para a porta) - Repare bem no que diz...

Julietta (crescendo de calor) - Desafio-te...

Narciso (recuando) - Julietta! Julietta! Repare que, se chego a sair aquella porta, uma grande tragedia se desenvolverá.

Julietta (correndo para a porta da direita e abrindo-a de par em par) - Bôta aberta... Podes sair a vontade...

Narciso (interdito) - Não me tente... Não me tente...

Julietta - "Vamos, passa! Não quero tomar a bôta enquanto não deres com o pé n'esse homem!"

Narciso (aparte) - É peor que uma leão e tem a mania dos duellos... (Alto) - Le ahora! Le ahora! Por Deus, não me tente! Olhe que eu vou...

Julietta (entre a supradita porta, apertando



a bandeja em cima da jardineira, dirige-se de novo para a esquerda. Passando junto da primeira porta do centro, para, recua, avança, olha repetidas vezes, e por fim sai).

Narciso (aparte, sentando-se em uma cadeira a' bocca de scena): - Como tirar-me de semelhante entalacao?... La' duello e' que nao vale nada, porque tenho muito amor ao pelle... To', carocho!... (Alto) No fim de contas, es' uma tola: ainda nao percebeste que tenho estado a desfructante...

Julieta (boquiaberta): - Serio?

Narciso (com naturalidade): - Pois ja' se se... (Rindo.) Deixa-me rir! Tinto-me alegre!... (Com enthusiasmo.) Nao o desafiarei para duello... nem lhe offerecerei o meu pe'... Apresentar-me hei no quartel, de camelia na boutonniere, como se fosse para uma "soiree", e arrancar-lhe hei uma orelha com a pita d'um chicote, assim... (Brande com furia a badine, como se estivesse frustigando um inimigo invisivel).

Julieta (dando uma grande gargalhada): - Ah! Ah! Ah! Isso seria engracadissimo...

Narciso (levantando-se): - Achas?!

Julieta (levantando-se tambem, collocando a chaveira na bandeja e tirando mais um biscoito): - Decerto... E quem te impede que o faças?...



Narciso (aparte). - Foi peor a emenda que o soneto... Esta só pelo diabo! Arramemos outra desculpa... (Alto) Mas espera... Uma coisa me ocorre agora, que é digna de toda a ponderação... Temos de pôr ponto no assumpto, por força...

Julietta (admirada). - Não percebo...

Narciso. - É facil de comprehender... Mesmo que esse peralmito tenha osado levantar os olhos para ti, a farda que enberga im pede-me de lhe saltar para cima do hombro, assim sem mais nem mais...

Julietta (intrigadissima). - Porquê?...

Narciso (semi-tragico). - Por causa do patriotismo, filha... Por causa do patriotismo... A minha consciencia segreda-me (em voz baixa) "não faças isso, de maneira nenhuma... A Patria é mãe d'elle e não te poupara a uma severa punição, a fim de salvar o prestigio do braso exerto portuguez... (Murdando de tom.) Tu julgas que eu sou um medroso!... Engano! puro engano!... Sou mas é muito presidente, muito sa-gaz!... (Parecia pelo apostofo).

Julietta (beiscando-se cair de novo na rebaise do que e fingindo-se muito serena, ao mesmo tempo que chorde os beicos para soffocar o riso). - Com effeito! Magnanimo coração, o teu!...

Narciso (estacando de subito). - Não fômbes,



22/  
não "homens"!... As mulheres são todas  
assim, espiritos de contradicção a propósito  
reza do que são... Não compreendem senti-  
mentos generosos, nem crêem em racos su-  
blimes... (Olhando para o tecto, e fazendo lai-  
gos gestos.) Patria! primeiro tu!... As minhas  
conveniências são zero ante as tuas sus-  
ceptibilidades!...

Julietta (ironica): - Breaste a vocação,  
meu amigo! O teu lugar é' ao pé do  
Amis, em S. Bento...

Narciso (irritado): - Não me provoque,  
não me provoque... Quando não...

Julietta: - Pobre pateta!

Narciso (furioso): - Pateta!... A senhora  
chama-me pateta?!... (Brandindo a badina.)  
Ah! que se o apanho, esqueço tudo, tudo, e  
dou-lhe uma lição tremenda... Um chaco-o,  
racho-o, e borracho-o...

Julietta (sempre ironica): - Accomoda-te, leão...

Narciso (cada vez mais furioso): - Apanha-me  
um par de pontapé's no...

Julietta (com vivacidade): - Tê conveniente...  
tê conveniente...

Narciso: - Julga que não sou capaz...?

Julietta (aparte): - Pacitemo-o... Esta na

serra... (Alto:) Perdôa-me que t'ô diga,  
mas não creio que tenhas essa coragem...

Narciso (arrebatado) - Ah! sim? Não cre?  
O meu sobretudo e o meu chapéu... (Pondo  
este na cabeça e vestindo aquelle.) Agora é  
que não me callo... Cal o Carmo da Trin-  
dade, com um milhão de diabos!...

Julietta - Não és capaz...

Narciso (dirigindo-se para a porta da direita).  
- Vai vêr...

Julietta (dunidosa) - Pois sim, sim... (Aparte.)  
O guarda-portão demora-se com a carta...

Narciso (voltando para traz, despiendo o sobre-  
tudo e atirando com o chapéu para cima  
numa poltrona) - Ah! a repórta incita-  
me?! Nesse caso, bolas!... Elle que me  
mande o seu cartão, e eu lhe direi quem  
sou... (Brandindo a badina.) Eu o farei  
dançar na corda bamba...

Julietta (sarcástica) - Que bravura! Que  
courage! Estou assombrada... O que é que  
tu queres, afinal de contas?...

Narciso (sentando-se outra vez a' bocca de  
sena) - O que é que eu quero?... (Aparte)  
Livar-me desta arisca...

Nefa (entrando pela esquerda) - Posso levar as  
chavinas? (Continúa a olhar, repetidas vezes, para

a primeira ponta do centro).

Julietta: - Pôles.

(Ouve-se bater a' porta da direita. Heza, largando a bandeja em que pegara, vae abrir. Aparece o 'tio' Leonardo, fardado de guarda-posto.)

Leonardo (de bonet na mão e entregando uma carta): - Muito boas noites. Está aqui uma carta para a senhora...

Julietta (voltando a cabeça para as portas): - Quem lhe entregou?

Leonardo: - Foi o sr. Tenente Montalvão...

Julietta (levantando-se, rapida, e indo ao encontro da criada): - Da cá...

Narciso (dando uma pulo): - Uma carta Selles!

Leonardo (entre as portas): - O sr. Tenente disse que amanhã virá fazer-lhes uma visitinha...

Narciso (sagarrando n'uma cadeira e brandindo-a): - Pultra! ladrão! canalha! malandro! gatuno! bigorritas! saltador! bandido! vamo! sagripanta! (Correndo para o guarda-portão:) Pôles-lhe um pé no bandullo... Estôlo-o... emigalho-o... (Heza recia.)

Leonardo (afflicto): - Mas... senhor... eu não sei... en não fui... (Sae atabalhoadamente.)

Julietta (lendo a carta): - "O teu marido é  
 uma dama... uma flôr de estufa..."

Narciso (voltando para traz): - Uma dama  
 uma flôr de estufa... O quê?! Pois elle atreve-se?!

Zeza (fugindo pela porta da esquerda): - Ah!  
 "farsus"! Estou perdida...

Julietta (à parte): - Agora é que rebenta a  
 hexiga... (Alto.) É verdade, meu amigo... O  
 garboso temente diz que tu és uma da  
 ma, uma...

Narciso (melodramatico): - Basta, senhora!  
 Basta!... Dê-me essa carta! Dê-me essa carta!

Julietta (dando-lha): - Prompto! Ainda não  
 te arrependes?...

Narciso (percorrendo a carta com a vista  
 e amarratando-a): - Ah! grande canalha!  
 que o fazo n'um hole!... Tu já procuras...  
 (Neste outra vez o sobretudo e enterra o cha  
 peu ante' as orelhas).

Julietta (incitando-o): - Não te arrependas...

Narciso (caminhando para a porta da  
 direita): - Esta carta esalda-me as mãos.  
 Éue audacia a d'aquelle "penetra"!

Julietta: - Não te arrependas...

Narciso (voltando para traz): - O peor é'



que não sei lembro do numero da casa do bittre... Tr a estas horas ao quartel não tem graça... (A parte:) Como diabo hei de livrar-me de semelhante "assado"?!  
 Julieta - Rua do Loreto, 130.

Narciso (fingindo não ouvir) - Esta só pelo diabo!

Julieta - Rua do Loreto, 130.

Narciso (continuando a fingir que não ouve) - Tanto ganas nem sei de quê...

Julieta - Rua do Loreto, 130.

Narciso (empertigado e tirando o chapéu e o sobretudo) - Mas que está a senhora para ahí a dizer? Rua do Loreto... rua do Loreto... (Avançando para Julieta) Que modos são esses de alçar assim a voz? Quem manda aqui: é o gallo, ou a gallinha?

Julieta - Que homem! Que homem este!  
 (A parte:) É' escusado cansar-me...

Narciso (articulando muito) - O que a senhora precisava é' que eu a estranqueasse... Ah! (Batendo na testa:) Eureka! (A parte:) Jágo ra, sim... Bótemo salto!

Julieta (surprehendida) - O que dizes tu?...

Narciso (fazendo movimentos desordenados

com o braco direito). - Descobri o enredo todo...

Julietta (granzindo o sobrececho). - Qual enredo?

Narciso. - Sim... sim... O que pretende meo por demais. Acabo de o comprehender agora... Tenta fazer-me subir o sangue á cabeça, para eu ter uma apoplexia fulminante, e a senhora depois casar com esse penetrante de galões e monoculos...

Julietta (dando uma gargalhada). - Ah! Ah! Ah! B' boa!... B' boa!...

Narciso (energico). - Mas juro-lhe que, em quanto fôr vivo, não ha de conseguir semelhante coisa!... E, para terminar esta questão, liquidarei tudo n'um minuto... e se agora não immediatamente para casa de sua mãe... a criada vai para o olho da rua... O gato atira-o pela janella fora... e as canalis, abertas, he o pelcoco... Prompto! acabou-se... (Passeando e gesticulando.) E depois digam que não tenho sangue nas veias! E depois affirmem que sou unha dama!

Julietta (aparte). - Outra vida! Não faço nada de ti... (Dirigindo-se para a primeira porta do centro.) Sabes que mais? Vou deixar-me... (Tae).

Narciso (so). - Uff! Tive grego! O diabo da mulher queria por força que eu me batesse com o tenente... Mas que capricho

28/  
tão exquisito!... (Sae pela segunda porta do centro).

## Scena IV

Personagens: Julieta, Zeza, O 69, Narciso e depois o Penitente Montalvão

Julieta (entrando pela primeira porta do centro, e com o corpo do vestido quasi descolchetado): - Josepha! Josepha! (Sae pela esquerda).

O 69 (entrando pela mesma porta, descalço, de um pé, farda amarrada e suja de cotão, cabeça descoberta, m'uma das mãos a espadá): - Oh! que grande espiga!... "Talha-me o Bacambum". A esopa é boa, mas a "caja" também é um "pizão" e tem cada... "amarra" - de fazer resuscitar um morto... "Tê-lhas agora... mas... estão verdes! (Percorre o aposento em todas as direcções, muito atropalhado, em procura d'uma saída). Esta só pelo diabo! Não torno a cair n'outra... Dirige-se para a janella da esquerda, debruça e mede-se como que a medir a altura).

Julieta (entrando pela esquerda): - Traze então a água quente e o bidei...

O 69 (ocultando-se com as bambinellas): - Oh! com tril' raios!...

Zeza (entrando logo após Julieta, e demora)



tando pavor e receio): - Mas... a senhora vai deitar-se já?!

Julietta (parando): - Vou, sim... Porquê?

Théa (cada vez mais afflictta): - É... não é... foi... já se vê... e' que... sim... eu queria... (Passa a mão pela testa e pelos olhos) Não é nada... Não é nada...

Julietta (admirada): - Tu estás a 'mangar comenigo, ou endoidceste?!...

Théa (no mesmo estado de nervosismo): - Desculpe, minha senhora... Mas eu não estou boa de cabeça... Desde que me appareceu a alma do outro mundo... (Treme quasi convulsivamente) Ai! credo!... (Benzendo-se) Figas... Figas... Abrenuntio...

O 69 (em voz baixa, no seu esconderijo): - Oh! que idelia!... Alma do outro mundo!...

Julietta (entre reprehensiva e risonha): - Deixa-te de asneiras, rapariga... Ainda acreditas em patacotas?! Ou, só se riem com estes doís... (designa os olhos) que a terra ha de comer... (affezagando-a) Ainda, traz a agua... e, depois de acabares a limpeza da cozinha, vai «olhar para dentro»... (Sae pela primeira porta do centro).

(Théa, tremula, olhando para todos os lados, sae pela esquerda, monologando em voz baixa. O 69, indo para sair do esconde



rijo, vê abrir-se a segunda porta do centro, e recia, occultando-se outra vez com as bambinellas).

Narciso (so, entrando pela citada porta e começando a passeiar a' bocca de scena): - Ah! mal de coitas, tudo isto e' uma trapalhada medonha... Não sei o que faça, nem o que diga... Sei bater-me, isso... está-se nas tintas! (Olhando e fazendo gestos apropriados.) Ah! se fosse falsa a historia, como eu me sentiria feliz! Mas não... A carta e' uma prom. gra. tante... (Atentando nas bambinellas da esquerda.) Espera... Allí occulta-se alguém... (Bemcaminha-se para aquelle lado, mudo, fixando a vista, começa a tremor.) Um militar!... (Com o olhar esgarçado e os cabellos hirritos.) O tenente!... Elle!... Que audacia!... (Recuando, apavorado, sempre com os olhos fixos nas bambinellas, sale pela segunda porta do centro.)

Íepa (entrando pela esquerda, com um bidet na uma das mãos e na outra uma cafeteira d'agua): - Valha-me Santa Barbara! Como ha de ser isto?... (Sale pela primeira porta do centro.)

069 (saindo do seu esconderijo): - O nomeiro to' cosou-me por um tenente!... Parecia que tinha visto o Diabo!... Aqui ainda moiro na costa! (Para Íepa, que entra pela primeira porta do centro): - Íepa! Íepa! Por que lado hei de dar as "gambias"?

Íepa (afflictiissima, pondo o dedo no nariz): - Schir!... Cala-te!... Como e' que saiste?... Recon.

de-te na cozinha... (Empurra-o para a esquerda, saindo a um lado por aquelle lado).

Narciso (entrando pela segunda porta do centro, e levando um apito á bocca repetidas vezes, mas sem tocar abto): - Cão... Julga Ná. me ia estas horas em viagem... (Muito medroso, continuando a fingir que apita, e frita as bambinellas da esquerda.) Mas eu o arranjo!... Ha de ficar. He de emenda!... (Procura por todos os lados, recuando de vez em quando, mal toca, sem querer, em algum moço!) Ah! Já levantou vôo o fardal!... Já desappareceu!...

Julietta (levantando o reposteiro da primeira porta do centro): - O que andas tu a fazer, Narciso?... Que disparate e' esse?...

Narciso (apopletico): - Onde está elle?... Onde está elle?... Que pouca vergonha, se agora! Que pouca vergonha!...

Julietta (sinceramente admirada): - Elle, quem?... (Aparte.) Que moço he moço deria?...

Narciso (correndo para ella): - Não zombe, Senhora! Não zombe ainda por cima... Onde está o tenente?...

Julietta (já's zangalhada): - Ah! Ah! Ah! Querem vêr que goste buscal-o por uma orelha ao quartel!...

Narciso (ameaçador). - Cuidado, senhora! Cuidado! Em vi-o... em vi-o... ali... ali... (Aponta para as bambinellas da esquerda) Quererá rezar?... Ah! tenham tudo combinado para, na minha ausencia... (Passa a mão direita pela cabeça).

Julietta (rindo). - Pobre pateta das luminarias! (Deixa cair o reposteiro, e desapparece).

Narciso (levantando o mesmo reposteiro). - Ah! sim! elle é' isso?... (Deixa-o cair, desapparecendo).

Julietta (entrando, dahi a segundos, pela supra citada primeira porta do centro, e denotando profunda surpresa e admiracão). - Não sei, não sei!... Agora é' que não percebo nada... Juro-te, Narciso... (A parte) O que querera' dizer isto?... Que grande trapalhada...

Narciso (entrando logo após, pela mesma porta, com o capacete do 69.º de hana de tropheo). - Não meque, senhora... Aqui está' o capacete d'aquelle libertino... (Batendo com o capacete na jardineira e outros moveis) Debaixo da cama... Debaixo da cama...

Julietta (tentando convencer-o). - Juro-te... Não o vi... Não tenho relações com elle... O tenente é' um cavalheiro... Nunca ousou levantar os olhos para mim, nem em hi'o permissoria... (A parte) Ora esta!... Ora esta!... Não percebo!...

Narciso (pisando a pés o capacete). - Mentel! Mentel! Ah! que se apantasse aqui, n'esta



ocasião, o grande filtro, esmagava-o, esmi-  
galhava-o... (A parte:) Fugiu, decerto, enquanto  
eu fui buscar o apito... Tanto melhor! Tanto  
melhor!...

(Cheve-se bater a' porta da direita).

Julietta (acolchetando a' pressa o corpo do vez-  
tido e indo abrir): - Quem é?... (Abreindo:) Ah!  
é o sr. tenente? Chega a propósito...

O tenente (entrando, de monoculo e com grande  
"explant"): - Oh! como está v. ex.<sup>a</sup>? (Reparando  
em Narciso, e dirigindo-se lhe, de arão estendida  
e sorriso nos labios:) Meu bom amigo: descul-  
pe-me de vir importuná-lo a estas horas...

Narciso (turbulento, mordendo os labios, numa  
grande luta de raiva e de covardia): - Oh! não  
esperava ter a alegria... (A parte:) Santissimo  
pilha! Isto é que é descaramento!... Não não  
há cinco minutos, e já cá está outra vez...

O tenente (para Julietta): - Dizia v. ex.<sup>a</sup> que  
cheguei a propósito...

Julietta (hesitando): - Sim... é verdade. Eu  
e meu marido falavamos em v. ex.<sup>a</sup> quando  
bateu a' porta...

Narciso (a parte): - Que ricos comediantes!...  
Como sabem fingir!... (Alto:) Coisas particulares...  
Não merece a pena... (Perturba-se extraordinaria-  
mente, coça a cabeça e esfrega as mãos, olhando  
para todos os lados como se a procurar uma saída.)



O tenente (persistindo). - Perdão, mas, se falavam em mim, algum motivo havia...

Julietta (resoluta). - Ou lhe digo, sr. Montalvão... Ou lhe digo tudo... (Para Narciso.) Têto que assim o queres...

Narciso (interpondo-se entre os dois transformado, livido, gaguejando). - Não... não... Peco-te, Julietta... É melhor não falarmos n'isso... (À parte.) Se calhar, ainda apianho para o meu tabaco...

O tenente (de sobreculho carregado). - Se souzesse que a minha presença...

Julietta (amável, para o tenente). - Oh! não! Creia que a sua visita nos é sempre muito agradável... (Para Narciso.) Não é verdade, querido marido?...

Narciso (livido, fazendo esforços mandados para servir). - Muito... muitíssimo... (À parte, rangendo os dentes.) An... an... que se eu pudesse...

O tenente. - Todavia...

Julietta (fitando Narciso, sorrindo e espaçando as palavras). - Meu marido... queria pedir-lhe... se o senhor... com a sua influencia... junto dos ministros... lhe arranjará a transferencia... para o Algarve... ou, melhor ainda, para... a ilha da Madeira... (Tocando-lhe no hombro.) Era n'isto que falavamos quando o sr. tenente bateu, não é verdade?...

Narciso (assombrado, estupefacto): - É exacto... e' isso mesmo... (A parte.) Que grande sarilho! Ou enoideco hoje, ou tenho uma cepoplezia que me leva tresentos diabos!...

O tenente (estendendo as mãos a Narciso): - Oh! meu amigo! Está servido... Pode contar com a transferencia... (Mudando de tom.) ellas não lhe perdoão a sua hesitação... Leria ter-me dito logo... Homens nunca têm medo de se entender com homens... Só as damas é que usam rodeios...

Narciso (a parte): - Ah! patife! Lá' estás a chamar-me dama outra vez... An... an... (Range os dentes).

Julieta (para o tenente): - E' queria também convidalo para vir jantar connosco depois d'amanhã... (Para Narciso.) Não era depois d'amanhã?.. Fala... desembucha...

Narciso (num apertalhamento indescritivel): - Pois é... depois d'amanhã... jantar... sim... dizes bem... Ora isso que tinhámos combido... (A parte.) É esta?... Ainda em cima tenho de dar-lhe jantar!... An... an...

O tenente (jovial): - Oh! como lhe agradeço tanta amabilidade, carissimo amigo!

Narciso (a parte): - É socio... An... an... (Alto.) Não tem que agradecer... O senhor é digno de tudo... (A parte, novamente.) Ah! é um tiro... Ah! canalha!...

O tenente - Agora permittam-me que lhes diga o motivo da minha visita a esta hora... Vinha convidal-os para irem assistir a esta d'amanhã no Hippodromo de Belem. Disputarei a taca Tallor, e tenho fe' no triumpho... O meu invencivel' foet, cavallo arabe, não me deixara mal...

Julietta - Pela minha parte, muito agra-  
decida... V. ex.<sup>a</sup> e' sempre amavel para nós...

Narciso - Tem na mesma data... Lá iremos, com todo o prazer... (A parte.) D'alá' que partas uma firma... ou as duas...

O tenente - Cumpri apenas o meu dever... (Para Narciso.) Quiz escrever-lhe uma carta nesse sentido, mas entendi que era melhor procural-o pessoalmente... El' só a esta hora pode vir...

Narciso (a parte) - Sim... grande tratante... As cartas são só para ella... (Alto.) Ah! sim! muito melhor... (Rangendo os dentes.) An... an...

O tenente (despedindo-se) - Bem... Não quero importunal-los mais... (Para Julietta.) Dê-me v. ex.<sup>a</sup> as suas ordens... (Para Narciso.) Meu caro amigo... até' d'amanhã... Boas noites... e desculpem, sim?

Julietta e Narciso - Não temos que desculpar... Boas noites...

Narciso (acompanhando o tenente á porta)



da direita): - Até amanhã... eis... ?

O tenente (fazendo rargada venia para Julieta, que se curva): - 4 horas da tarde... (Sal):

Narciso (fechando a porta e dando hypothethicos murros no espaço): - Tão-te, bandido! Confunde-te, mal'dito!... (Dirigindo-se a Julieta:) E agora nós, senhora...

Julieta (sarcastica): - Ainda não te passaram as fúrias? Ainda não estás convencido da injustiça das tuas acusações?

Narciso (crucando os braços): - Mas que trapalhada foi esta do pedido de transporencia e do convite para jantar?... Não me dirá? Não me explicará?...

Julieta (encostando os hombros): - Luerias antes que eu lhe contasse as peripécias do duello... e do pé... e da orelha cortada... e do amor pela patria agradecida!!... (N'outro tom) Além d'isso, se fomos para a Madeira, acabam-se te os ciúmes injustificados...

Narciso (engulindo em seco): - Injustificados?! E o capacete?... (Dá um pontapé no capacete amachucado). De quem era? a quem pertencia?...

Julieta: - Isso é que eu não percebo, com franqueza... Mas ha de deslindar-se... Affirma-te, Narciso, que estou intriguadissima com o facto... Preciso de pensar e pesar bem



as coisas, para decifrar o enigma...

Narciso (fazendo menção de metter-lhe na  
boca o dedo mínimo) - Onde aqui... (Mon-  
tro tom.) O militar que eu alli vi escon-  
dido?... (Aponta para as bamboneiras da es-  
querda.) Não era elle?... Quem era então?...

Julietta (indignada) - Não, não era elle...  
Tomo a jurar, affirmando categoricamente  
que o sr. Montalvão é um cavalheiro digno...  
Nunca me faltou ao respeito, nem eu  
consentiria o minimo ultraje... É certo  
teres visto alli algum militar, se não  
foi illusão tua... Então ha mysterio... Con-  
fia em mim, e descobrirei tudo...

Narciso (sarcastico) - É a carta?... Também  
não era d'elle?...

Julietta (com calor) - A carta?! (Rindo.) Ah!  
Ah! Ah!... Lê-a bem, meu amigo... Examina  
a letra...

Narciso (tirando a carta da alforca, toda  
amarratada, e percorrendo-a com ex. vista) -  
Ah! mas agora reparo... Esta letra parece...

Julietta (dando uma grande parafalhada) - Ah!  
Ah! Ah!... Custou a perceber... Isso foi escripto por  
mim...

Narciso (encioso) - Certo?... Mas com que  
fim?...

Julietta. - Para te espicacar os bris... para fazer de ti um homem puidoroso...

Narciso (enthusiasmado). - Ventas?...

Julietta. - Foi tudo uma comedia... (Preste) gostava que fosses valente, ousado, e por tal motivo inventei a historia que acaba de desmascarar-se; mas, enfim, és meu marido, e quero-te mesmo assim... (Abraça-o com ardor). O que me apozenta e afflige, agora, é a historia do capacete e do militar alli escondido... O melhor é chamar já a criada...

Narciso (commovido, estreitando-a). - Deixa lá... Obrigal-a bem a falar amanha... (Volta ao Thom.) Ah! Julietta! Julietta! Prometto-te que, d'hoje para o futuro, teres sangue nas veias... mas sangue ia valer... (Beija-a). Festijemo a nossa reconciliação, sim?... (Saem, abraçados, pela primeira porta do centro).

Zefa (entrando pela esquerda, pe' ante pe'). - Espera... espera ahí... (Vae escutar a primeira porta do centro). Não deitar-se... Ah! que pechincha!... (Voltando a' porta da esquerda). Tem agora... de pressa...

O69 (entrando pela esquerda, em bicos de pés). - Um raio partoi... (Da' a mão a Zefa, que o conduz para a direita, e esbarra com uma cadeira, tombando-a).

Zefa (empurrando-o para a segunda porta do centro). - Ah! Derastado! Esconde-te... (Volta ao Thom.) (Tombando)

Julietta (vestida com uma robe de chambre e levantando o reposteiro da primeira porta do centro): - O que cuidas a fazer, Josephina? Com quem estavas a conversar? Mas de que te explicas me por mimdo os mysterios d'esta noite...

Zeza (tremula, embriada, presa de grande agitação): - Ou, minha senhora?... Ou... falava sózinha... Pareceu-me sentir um barulho estranho... Vim vêr... (Aparte.) Ai, "famoso"! Descubriam tudo!...

Julietta (indignada): - Mentos! Tu, depois de vires expreitar aqui a porta, falaste com quem quer que fôsse! (Aparte.) Aparrhei-te com a boca na botija!

Zeza (caindo de joelhos): - Perdão, minha rica senhora! Perdão! Eu lhe explico tudo... (Aparte.) Estou desgrazada!

Julietta (acudindo-a com forcea): - Com quem falavas?... Onde está?... (Contra Narciso, em mangas de camisa).

Zeza (de joelhos, chorando e arrependendo-se): - Ora com o meu primo... o guarda municipal... o 69 da 4.<sup>a</sup>... (Enquendo nos mãos, lamurienta.) Perdão, minha senhora! Perdão, senhor Narciso! Não feiram a minha desgraça! Perdão!...

Julietta e Narciso (em côr): - Onde está elle?... Onde está elle?...

Zeza (apontando para a segunda porta do centro): - Allí!...



(Narciso e Julieta precipitam-se para  
aquelle lado. Nefa levanta-se.)

O 69 (entrando, coberto com um lençol, dançando  
e catridando): - Uh!... Uh... Uh!... (Derriba  
moços, faz varias tropelias e causa grande  
rebolico).

Julieta (apavorada, fugindo para todos os la-  
dos): - Socorro! Acudam-me!

Narciso (deitando-se de costas atraz da "chaise-  
longue"): - Estou perdido! Matam-me hoje!

Nefa (correndo sobre o 69): - Ah, meu Deus!  
Tarde triaste! As almas do outro mundo  
estao descobertas!... (Deita-lhe as mãos ao  
lençol, puzando-o).

O 69 (hirido, cabello hirsuto, perfilando-se e  
fazendo continencia): - Valha-me a Senhora dos  
Milagres!

Narciso (considando a erguer-se de traz da  
"chaise-longue" e levando as mãos ao fundo  
das costas): - O a mim valha-me a lava-  
deira!

Julieta (indignada): - Mas o que quer isto  
dizer, Josephina? Explica-te...

Narciso (de pé): - Sim... o que quer isto dizer?!

Nefa (chorosa, apontando para o 69): - Elle  
é meu primo... Não visitar-me... Os patrões



repressaram sem ser esperados... Não queria que o descobrissem... Obrigou-o a esconder-se...

Julietta (ambivalente): - Onde?...

Zeza (apontando para a primeira porta do centro): - Alli... Não houve tempo para mais... O patrão batia a porta...

Julietta: - Ontão o capacete... (aponta para o capacete amachucado)

O 69 (aparralhado): - Ah!... Ora meu... Ora, Jussu-me, quando fugi...

Narciso (correndo para elle): - Ontão o militar alli... (aponta para as bamboneiras da esquerda)

O 69: - Ora eu... Foi depois de fugir do ponto...

Narciso: - Julietta! (Corre para ella)

Julietta: - Narcisso! (Abraça-o e beija-o). Vês agora como eras injusto?!

Narciso (abraçando-a): - Perdão-me, rica minha Mercedes! És uma perola! És um anjo!

Zeza e o 69 (caindo de joelhos, depois de trocarem rapidas palavras aos ouvidos um do outro): - Pelas suas felicidades, perdõem-nos e sejam padrinhos do nosso casamento!...

Julietta (condescendente): - Perdão-vos o mal

que me fizeram... pelo bem que me pro-  
porcionaram...

Marciso (dando-lhes as mãos) - Sim... têm  
razão... Podem considerar-se nossos afilhados.

Alcornoque

ESIC

Escola Superior de Teatro e Cinema

Lisboa, setembro, 1910.

Manuel Godinho da Silva

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema